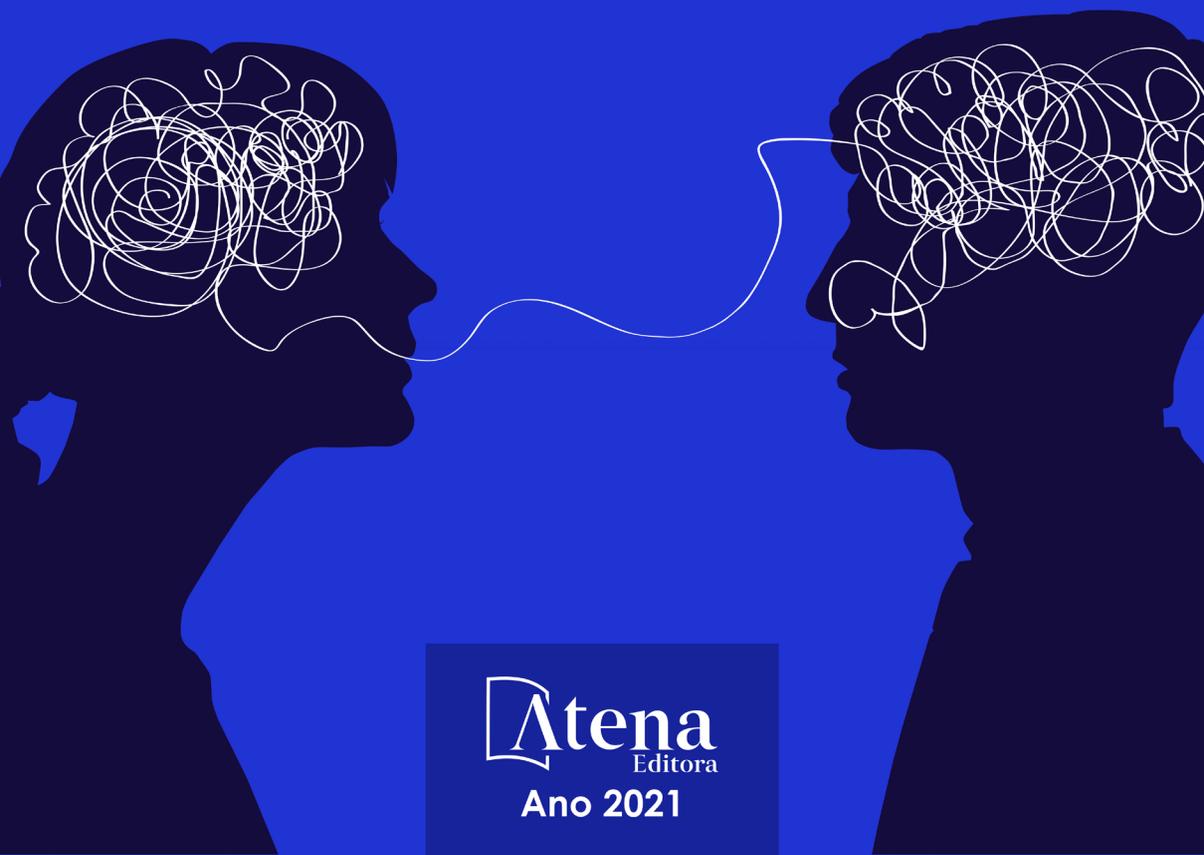


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

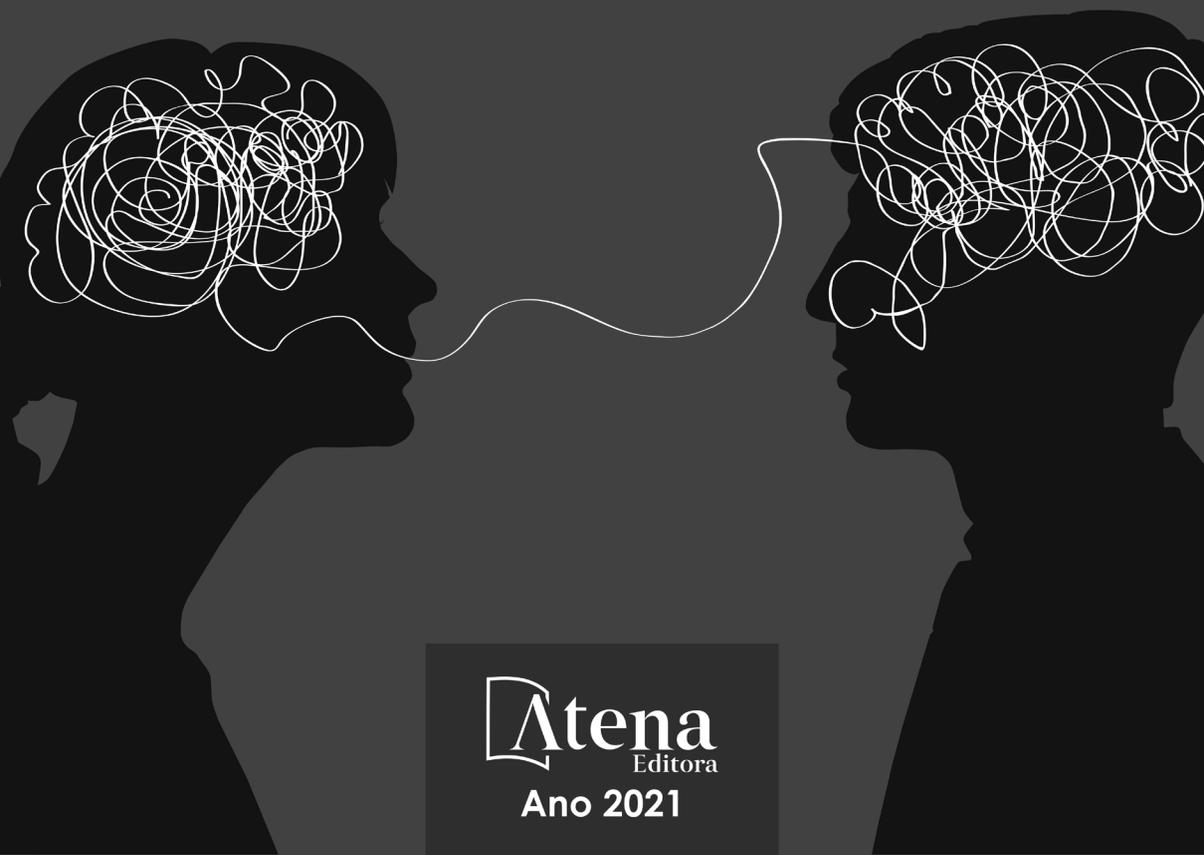


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^a Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^a Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

CAPÍTULO 1..... 1

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.4622130031

CAPÍTULO 2..... 17

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiliano do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.4622130032

CAPÍTULO 3..... 25

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

DOI 10.22533/at.ed.4622130033

CAPÍTULO 4..... 44

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

DOI 10.22533/at.ed.4622130034

CAPÍTULO 5..... 50

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.4622130035

CAPÍTULO 6..... 66

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

DOI 10.22533/at.ed.4622130036

CAPÍTULO 7..... 78

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4622130037

CAPÍTULO 8	91
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
DOI 10.22533/at.ed.4622130038	
CAPÍTULO 9	101
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.4622130039	
FACES DA LITERATURA	
CAPÍTULO 10	116
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
DOI 10.22533/at.ed.46221300310	
CAPÍTULO 11	133
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
DOI 10.22533/at.ed.46221300311	
CAPÍTULO 12	142
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300312	
CAPÍTULO 13	154
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.46221300313	
CAPÍTULO 14	173
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
DOI 10.22533/at.ed.46221300314	
CAPÍTULO 15	185
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.46221300315	

CAPÍTULO 16.....	201
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.46221300316	
CAPÍTULO 17.....	208
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
DOI 10.22533/at.ed.46221300317	
CAPÍTULO 18.....	215
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.46221300318	
EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA	
CAPÍTULO 19.....	229
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.46221300319	
CAPÍTULO 20.....	240
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.46221300320	
CAPÍTULO 21.....	247
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300321	
CAPÍTULO 22.....	261
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300322	

CAPÍTULO 23.....	272
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.46221300323	
CAPÍTULO 24.....	291
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300324	
CAPÍTULO 25.....	296
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.46221300325	
CAPÍTULO 26.....	300
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46221300326	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	311
ÍNDICE REMISSIVO	312

CAPÍTULO 11

O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA

Data de aceite: 30/03/2021

Data de submissão: 31/12/2020

Carina Marques Duarte

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Corumbá – MS
<http://lattes.cnpq.br/3524153948948265>

Renata Domingos Opimi

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Corumbá – MS
<http://lattes.cnpq.br/0376691275189646>

RESUMO: Homem comprometido com o seu tempo, o escritor contemporâneo Ungulani Ba Ka Khosa faz da literatura uma forma de elaborar as transformações sofridas por Moçambique e de refletir sobre a identidade da nação. O objetivo deste artigo é analisar o papel da tradição nos contos “Morte inesperada” e “Exorcismo”, que integram o livro *Orgia dos loucos*. Para tanto, tomamos por base, principalmente, os trabalhos de Stuart Hall (2006), Michel Pollak (1989) e José Luís Cabaço (2009), além de entrevistas e ensaios de Ungulani Ba Ka Khosa. Os resultados indicam que, como resposta ao alheamento à tradição estimulado pela FRELIMO, a ficção do moçambicano aponta o caminho da valorização das origens.

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Alheamento à tradição. Identidade. Período pós-independência.

THE PLACE OF TRADITION IN UNGULANI BA KA KHOSA

ABSTRACT: A man committed to his time, the contemporary writer Ungulani Ba Ka Khosa makes literature a way of elaborating the transformations suffered by Mozambique and reflecting on the nation's identity. The purpose of this article is to analyze the role of tradition in the short stories “Unexpected death” and “Exorcismo”, which are part of the book *Orgia dos loucos*. For that, we mainly take the works of Stuart Hall (2006), Michel Pollak (1989) and José Luís Cabaço (2009), as well as interviews and essays by Ungulani Ba Ka Khosa. The results indicate that, in response to the alienation from tradition stimulated by FRELIMO the Mozambican's fiction points the way of valuing origins.

KEYWORDS: Short story. Alienation from tradition. Identity. Post-independence period.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um dos escritores de maior destaque da atual Literatura Moçambicana, Ungulani Ba Ka Khosa iniciou sua carreira em 1987, com a publicação do romance Ualalapi, considerado pela crítica um dos cem melhores livros africanos do século XX. A segunda produção ficcional de Ungulani veio a público em 1990, a antologia de contos *Orgia dos loucos*.

A literatura é um dos meios utilizados por Ba Ka Khosa para refletir sobre a identidade da nação, identidade que, por estar sujeita às vicissitudes da história e às transformações nos

sistemas culturais, não é fixa. A crise identitária, a que se refere Stuart Hall (2006), em uma nação que passou por um processo de descolonização tardio, como Moçambique, se revela mais intensa. Durante as décadas de 1960 e 1970, com o movimento independentista, buscou-se construir a identidade a partir de uma utopia libertadora. Declarada a independência, a FRELIMO, partido que assumiu o governo, não poupou esforços para a construção da identidade da nação, que, livre da metrópole, deveria estar preparada para o progresso e rejeitar todos os sinais de obscurantismo.

Uma das estratégias empregadas para forjar a identidade foi o alheamento às tradições locais, tema amplamente discutido por Ungulani Ba Ka Khosa em ensaios e entrevistas e problematizado nos textos ficcionais. Os contos “Morte inesperada” e “Exorcismo”, que integram o livro *Orgia dos loucos*, estão entre as composições literárias nas quais a tradição figura com relevância.

2 I “MORTE INESPERADA”

O conto “Morte inesperada” é narrado em terceira pessoa, sendo que há alternância de perspectivas entre o protagonista, Simbine, sua mãe e o guarda do prédio. O enredo gira em torno da morte da personagem principal, cuja cabeça é prensada pelo elevador.

Neste conto, os *flashbacks* cumprem um papel fundamental, pois – através das lembranças, que explicam cada acontecimento –, recuperam a tradição. O recurso à analepse diz muito sobre o escritor, que, em virtude da tendência, entre os moçambicanos, à amnésia, busca referências no passado. Em uma entrevista, Ungulani menciona o incômodo que lhe causa o esquecimento: “[...] vivemos num país onde nossa memória colectiva é extremamente curta, precária. Há aspectos que aconteceram há cerca de dez anos, mas que já não estão grudados ao nosso corpo, não fazem parte de nós [...]” (KHOSA, 2010, não paginado).

A primeira personagem apresentada na narrativa é o guarda do prédio. Homem dado a bebedeiras, na infância, fora amaldiçoado pela tia-avó, que jurara que ele, por tê-la chamado de feiticeira diante de outras pessoas, nunca teria relações sexuais. Gordo e de poucas palavras, usava um casaco que ganhara de uma viúva atormentada pelo espírito do marido, que morrera limpando uma arma em desuso. Enquanto limpava, o homem rememorava um passado distante:

As belas campanhas de pacificação em que os pretos soltavam, desesperadamente, os arcos, as flechas e os escudos de pele que revolteavam no espaço empoeirado, formando arcos mirabolantes e por vezes fantasmagóricos, enquanto se estiravam na planura a perder de vista, incrédulos da morte que os fulminava, soltando gritos guturais e ininteligíveis (KHOSA, 2008, p. 63).

Este homem provavelmente lutou ao lado dos portugueses na conquista do território entre o final do século XIX e começo do século XX. Os colonizadores dispunham de armas

de fogo enquanto os naturais da terra utilizavam arcos e flechas. Convém salientar – reparando na contraposição entre os elementos da cultura autóctone e os da estrangeira – que o fato de o homem ter sido morto pelo instrumento que utilizava para tirar a vida dos pretos sugere um castigo.

À beira da morte, depois de atingido pelo disparo, o marido ameaçou tirar a vida da esposa, caso ela, algum dia, viesse a ter relações sexuais com outro. A viúva passou anos atormentada. Na mesma noite em que entregou o casaco ao guarda, após um farto jantar, momento marcado pela expectativa de libertação da lembrança da maldição do marido, enfartou e, ainda na mesa, morreu.

Retornando ao presenteado com o casaco, o vigia do edifício, este, ao ser informado acerca da morte ocorrida em seu local de trabalho, pensa que a única explicação plausível era que Simbine, o morto, fora enfeitado. Ainda que o Estado não houvesse colocado vidros nas janelas do elevador – dando, assim, chance para a ocorrência de acidentes –, no entendimento do guarda, a poligamia de Simbine, inadequada aos novos tempos, atraía a desgraça para a sua vida.

Costume entre os bantos, a poligamia foi considerada pela FRELIMO, como aponta José Luís Cabaço (2009), uma prática reacionária, já que se contrapunha ao valor social atribuído à família. O protagonista do conto preservava valores incompatíveis com a identidade que se pretendia construir na nação independente, opondo-se, assim, à cultura imposta à sociedade moçambicana.

A próxima personagem a ser apresentada é a mãe de Simbine, já velha, ao entrar no prédio se depara com a informação que o elevador não funciona, pois alguém prendera a cabeça na janela da máquina e havia morrido. Seu coração de mãe não permitiu que perguntasse pelo filho, mas, no quinto andar, tomou conhecimento da tragédia que sucedera a Simbine.

A velha sentou-se e deu vazão às lágrimas. Sua memória voltou nascimento do filho, quando, ao longo de uma semana – diante do espanto e do medo das velhas, que, ao final do primeiro dia, desistiram, acreditando que o demônio por ela carregado não mais viria – estivera submetida a dores intensas. A dificuldade para dar à luz o filho era tamanha, que, chamado, o curandeiro, após três dias e três noites de trabalho, declarou-se incapaz de esconjurar os maus espíritos que a haviam possuído. No sétimo dia de trabalho de parto, o menino nasceu, e a mãe, depois de dar um uivo lancinante, desmaiou.

A presença, na narrativa, dos elementos constitutivos das crenças nos poderes dos espíritos e na sua interferência no cotidiano dos indivíduos é uma questão importante, à qual, na entrevista acima mencionada, Ungulani se refere nos seguintes termos:

[...] vivemos entre dois mundos distintos, onde a racionalidade vive a paredes meias com o mundo de arquétipos baseados na espiritualidade dos nossos ancestrais. Por complexos ou por ausência de argumentos no sentido de questionarmos ou problematizarmos as nossas vivências, continuamos a

flutuar em tudo isto e a encarar esses valores sob o prisma reducionista da superstição [...] (KHOSA, 2010, não paginado).

No afã de incentivar os valores condizentes com a identidade que se pretendia construir, a FRELIMO rotulou de superstição e obscurantismo os elementos relacionados à espiritualidade, o que não impediu a persistência dos mesmos. A permanência das crenças ancestrais, apesar do esforço no sentido de difundir o vínculo com a racionalidade, é trazida à luz pela literatura de Ungulani Ba Ka Khosa.

A mãe de Simbine previra para o filho uma morte maldita, quando ele, na adolescência, se recusava a ir à escola e argumentava:

Os pretos viveram séculos sem o quinino e o livro, e que a sua vitalidade ia de gerações em gerações, e a sua história corria na memória fértil dos velhos que habitavam estas terras antes dos homens da cor do cabrito esfolado entrarem com barulho das suas armas a sua língua e os seus livros (KHOSA, 2008, p. 67).

Simbine resiste ao processo de sobreposição de culturas, que como aponta Edward Said, é empregado pelo colonialismo. No caso do colonialismo português, tal processo consistiu em apagar o passado africano e impor outra história, a portuguesa, a qual deveria ser assumida pelas populações locais. Não por acaso, entre as obrigações do regedor¹, segundo José Luís Cabaço (2009), estava incitar os nativos a aprender a língua portuguesa e a mandarem os seus filhos às escolas. A língua portuguesa e a instrução escolar foram instrumentos do processo de dominação e de apagamento da cultura local, conforme demonstra o testemunho abaixo:

Na escola primária, em Moçambique, estudava-se (eu estudei), até meados da década de 60, em textos que se referiam à vida real em Portugal, sua vegetação e fauna, sua paisagem seus “usos e costumes”. Era a tentativa de alienação física do espaço sociocultural e da natureza que cercava a criança das colônias. As disciplinas de História e Geografia, física, humana e econômica, que se prolongavam por todo o ensino médio, referiam-se à história e à geografia de Portugal, visando a comprometer deliberadamente o universo da imaginação e mitificar a metrópole (CABAÇO, 2009, p. 158-159).

A recusa, de Simbine, à cultura e à medicina trazida pelos colonizadores indica a resistência do natural da terra à dominação cultural: “[...] o meu mundo mãe, é esta terra selvagem, dizia. É a minha escola [...]” (KHOSA, 2008, p. 68).

Narrando desde a perspectiva da mãe do protagonista, o narrador comenta que se Simbine fosse vidente, não teria quebrado o juramento da adolescência, “[...] pois fora a escola, com seus mestres e seus livros, que lhe dera a morte [...]” (KHOSA, 2008, p. 68).

Instantes antes de morrer, por volta das 18h, Simbine se despedia das três esposas e dos filhos; levava consigo livros. Chamou o elevador e – como este cumpria a costumeira

¹ O regedor ou régulo era a autoridade genéfica dentro de uma regedoria, mas estava subordinado ao chefe do posto administrativo, uma autoridade colonial.

demora – fez algo que nunca havia feito: colocou a cabeça na janela do elevador. A máquina descia morosamente do décimo quinto andar. Simbine, que estava décimo, tentou retirar a cabeça da janela, mas não conseguiu. “A morte encontrou-o com as veias a sobressaírem das mãos e dos braços tensos. Morreu em silêncio [...]” (KHOSA, 2008, p. 68).

3 I “EXORCISMO”

Tendo como pano de fundo o período pós-independência de Moçambique, a diegese do conto “Exorcismo” diz respeito ao desaparecimento, nas águas, do filho do administrador da vila. O afogamento de Pedro e os acontecimentos dele decorrentes são trazidos à luz através das palavras de um narrador heterodiegético, com alternância de perspectiva entre o chefe do distrito e Hanifa.

A narrativa inicia com os homens, à beira do rio – despojados das vestimentas que o seu papel na sociedade lhes impunha –, trajando as tangas da ancestralidade e tomando parte em um ritual, cujo propósito era trazer de volta o filho do administrador:

Reunidos à beira do rio, e em poses indescritíveis, os homens tiraram as balaiaicas da disciplina, os fatos do poder, as medalhas da luta e do trabalho, e envergavam as tangas da ancestralidade, em sinal de respeito e anuência aos espíritos antigos e recentes, evocados em preces intermináveis pelo curandeiro (KHOSA, 2008, p. 75).

Em seguida, através de uma analepse, o narrador explicita o contexto em que tivera lugar o desaparecimento de Pedro, comentando que o jovem nutria um amor platônico por Hanifa, descrita como esbelta, de ancas férteis e seios túrgidos. Este sentimento idealizado, de acordo com o narrador, irritou os espíritos, pois nas terras banto o prazer não é satisfeito no mundo das ideias: “[...] esta não é terra e muito menos o continente onde o prazer é satisfeito em sonhos e ideias, mas uma terra de machos que não largam o coelho quando o atizam [...]” (KHOSA, 2008, p. 75-76).

Numa quinta-feira à tarde, ao contemplar a amada, o jovem viu a concha que ela usava ser arrastada pelo rio; teve ímpetos inexplicáveis de persegui-la, nadou atrás do objeto e, quando o alcançou, ambos desapareceram no local onde as almas se encontram, o meio do rio.

Hanifa, que também cultivava um amor idealizado por Pedro, sonhando com ele compartilhar o leito, gritou e chorou desesperadamente, de tal modo que as lágrimas se juntaram às águas do rio, que subiram a ladeira, correram e umedeceram a terra seca em direção à administração. As águas subiram até os arcos do secretário que, “com a morosidade das jiboias” (KHOSA, 2008, p. 76), interrompeu o discurso que ensaiava e definiu o ocorrido como uma artimanha dos reacionários, os inimigos da revolução.

As águas invadiram o gabinete do administrador, que despachava processos de candongueiros de ratos selvagens, dos adúlteros impotentes e dos poços sem água, quando se deu conta de que havia algo errado, pois a água já molhava o seu corpo obeso. Todavia,

antes de chegarem ao dirigente, as águas “[...] entraram pelos gabinetes da burocracia e espantaram os serviços estancados pela canícula tropical [...]” (KHOSA, 2008, p. 77).

Convém ressaltar o quanto a descrição feita pelo narrador aponta para a inoperância da máquina pública, para a precariedade – poços sem água – e para a inutilidade do trabalho do administrador, indivíduo que é representado de forma jocosa – obeso e “[...] limpava o ranho que teimava em sair das narinas coloridas de azul [...]” (KHOSA, 2008, p. 77) –, o que é recorrente nos textos de Ungulani Ba Ka Khosa. Aliás, tal recorrência na representação dos homens do poder indica a distopia, consequência da insatisfação com os rumos seguidos pelo país no período pós-independência.

Informado do desaparecimento do filho, o governante procurou pelos policiais – que, longe do cumprimento do dever, a esquadra ou os locais de vigília, “[...] jogavam damas debaixo das árvores [...]” (KHOSA, 2008, p. 77) – e ordenou-lhes que dessem início às buscas. Depois de cinco dias e seis noites, os homens da procura não encontraram mais que alguns objetos² símbolos da opressão, da resistência à opressão e da assimilação, como “[...] a primeira dentadura postiça que circulou na boca de um preto que se orgulhava do nome João Merda [...]” (KHOSA, 2008, p. 78). Não é à toa que Ungulani atribui ao homem o nome “João”, extremamente comum entre os portugueses, seguido de “Merda”, substantivo pejorativo, que indica o desprezo por todos aqueles que aceitaram passivamente a cultura dos colonizadores.

Com o insucesso das buscas, e sem o sinal comprobatório da morte, a única saída é chamar o curandeiro Simamba, atitude temerária, pois poderia manchar a imagem do administrador diante do partido. Ainda que não feita menção à FRELIMO, é possível estabelecer uma analogia entre a situação representada no conto e os princípios que nortearam a atuação daquele partido antes e depois da independência de Moçambique.

Em 1970, Samora Machel, aquele que viria a ser o primeiro presidente de Moçambique, diria que a implantação das bases de uma economia próspera e avançada pressupunha a vitória da ciência sobre a superstição e que a conquista da união dos moçambicanos exigiria que, na consciência do povo, morresse a tribo para que nascesse a nação. Tal posicionamento teve, como observa Ungulani BaKa Khosa (2015), uma consequência negativa:

Os nossos filhos, especificamente os da faixa urbana, geração imediata à independência, perderam por completo o contacto com as línguas maternas dos pais ou avós; as âncoras da identificação cultural circunscrevem-se, a título de exemplo, aos modismos culturais hoje em voga, como o lobolo praticado nos casamentos modernos, os ritos de iniciação na floresta do cimento, as oferendas aos espíritos em árvores tornadas sagradas nas inaugurações de edifícios públicos e outros empreendimentos de cariz económico e social, e pouco mais (KHOSA, 2015, p. 131).

² Os ossos do primeiro colono que morreu de uma diarreia crônica, as armas enferrujadas de encher pelo cano e as polainas dos caçadores de pretos revoltados.

A legitimação da uniformização cultural e ideológica como caminho para a unidade nacional conduziu ao alheamento às tradições locais. Aliás, Ungulani Ba Ka Khosa observa que, desde a independência não constam nos currículos escolares os provérbios e contos que espelham o universo cultural moçambicano. De acordo com o escritor,

Várias explicações têm vindo à tona para este alheamento às realidades culturais locais. Em muitos há o medo de se perder o chão da moçambicanidade, pois temem que ao se falar da tradição, se esteja a falar da pretização das instituições, da balcanização de um país que se pauta pelo princípio da universalidade e igualdade inscrita nos direitos, deveres e liberdades fundamentais, consagrados na Constituição. Para este grupo, falar da tradição é um retrocesso, um nacionalismo redutor (KHOSA, 2015, p. 131).

As tradições pertencentes à esfera da religiosidade foram as mais rotuladas. Não por acaso, o administrador, no conto “Exorcismo”, depois de decidir-se por recorrer aos conhecimentos do curandeiro, adverte os homens:

Não quero cartas de leitores nem relatórios falsos às estruturas centrais. O que vamos fazer aqui não deve sair deste distrito. Não quero ouvir histórias. Não quero intriguistas, boateiros, reacionários, contra-revolucionários, inimigos da pátria, ouviram? Aqui não entra superstição, curandeirismo! O que vamos fazer, camaradas, enquadra-se nas experiências revolucionárias. Entenderam? (KHOSA, 2008, p. 79).

Era necessário o primado da hipocrisia para que todos acreditassem que o recurso aos poderes do curandeiro se enquadrava em uma experiência revolucionária, que não feria os princípios do partido.

Chamado, Simamba iniciou o ritual, que envolveu batuques e interrogatórios aos crocodilos. Depois, pediu ao administrador que lhe entregasse os documentos de Pedro, os papéis que identificavam-no como cidadão da pátria. No dia seguinte, o dirigente colocou diante do curandeiro os cinco quilos de papéis, que foram queimados por Simamba:

A chama elevou-se pelos ares da manhã e o fumo, em novelos espaçados, dirigiu-se às águas no momento em que o tantã acordava os espíritos adormecidos nas escamas dos crocodilos que choravam, enquanto abanavam as caudas em movimentos contínuos e compassados (KHOSA, 2008, p. 82).

A partir daí, do direcionamento da fumaça – resultante da queima da burocracia sufocadora do indivíduo – às águas, começa o momento de maior tensão do conto: “[...] a terra estremeceu desde os alicerces insondáveis. A lua desapareceu, assustada [...]” (KHOSA, 2008, p. 82). Elemento fundamental, segundo Cortázar (1974), em todo conto, esta tensão conduzirá ao clímax da narrativa.

Ao fim da tarde, todos esperavam, até que viram, a meio das águas o corpo de Pedro flutuando. Os homens que, em canoas, foram em direção ao corpo, quando se aproximaram, não puderam conter o grito de espanto, diante do fio de sangue, sinal de que a morte há pouco o tocara. No instante em que içam o corpo de Pedro, Hanifa, que, da

margem, acompanhara, ao longo dos dias, as buscas, está morta.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Pollak (1989) salienta a importância dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e a inserem na memória da coletividade a qual pertencemos. Entre estes pontos estão as datas e personagens históricos, as tradições, os costumes e a música. Essa memória coletiva, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça o sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, interfere na identidade da nação.

Logo após a independência, a FRELIMO tratou de pôr em prática o seu projeto de, sobre as ruínas do Estado colonial, construir um Estado marxista. Para tanto, além de empreender a transformação das estruturas do poder colonial, reprimiu os valores tradicionais, o que teve, segundo Bouene (2005), consequência nefasta tanto para o governo – já que diminuiu a sua base de apoio – quanto para a sociedade – porque as comunidades perdem o equilíbrio psicológico.

Entre os bantos, o equilíbrio é alcançado através da harmonia com a terra e com os antepassados, e nisto as cerimônias religiosas têm grande importância. Ocorre que, em 1975, o governo decide extinguir a regedorias, estruturas consideradas conflitantes com o poder popular. Ao mesmo tempo, eram eliminadas as chefias das sociedades tradicionais, sem uma análise profunda da questão. Em seguida, a fim de facilitar a produção coletiva e de desestruturar a organização tradicional das populações, o governo instaurou as aldeias comunais, o que forçou as pessoas ao abandono das suas casas e, por conseguinte, acarretou a perda dos símbolos, entre os quais estavam os locais de homenagem aos mortos, vistos pela FRELIMO como mostras de obscurantismo. Contudo, apesar do interdito ao culto à tradição, as pessoas continuaram recorrendo às autoridades tradicionais e seguiram realizando as cerimônias clandestinamente.

O conto “Exorcismo” ilustra de modo eficaz a interdição aos ritos tradicionais e mostra também o quanto a comunidade permanece vinculada aos mesmos, apesar da repressão advinda do discurso oficial. A coexistência da tradição com as mudanças, resultantes do colonialismo e, depois, da independência, figura em “Morte inesperada”, o que indica que os valores do passado não podem ser simplesmente lançados fora ou substituídos de modo forçado. Nesse sentido, a escrita de Ungulani Ba Ka Khosa sugere a necessidade de, para encontrar o caminho, ouvir as vozes que vinham das furnas do tempo, da ancestralidade, exatamente o que fora negligenciado pelos homens do poder.

Para Ungulani Ba Ka Khosa, o alheamento às tradições foi um fator determinante para que o Estado não conseguisse cumprir o seu papel de condutor à cidadania plena:

Moçambique não se encontrou. Devo dizer, embora existam teorias em

contrário, que o papel do Estado é fundamental na libertação de iniciativas que conduzam a cidadania plena. E os primeiros anos de independência foram fulcrais na definição da pauta da nossa sinfonia cultural. Esmagamos as notas da diversidade, silenciámos as vozes que vinham das furnas do tempo e, movidos por pretensões ideológicas de difícil sustentação, tentamos erigir um corpo, permitam-me o empréstimo, sem ADN, incaracterístico, inosso, descolorido, de voz monótona, desenraizada, totalmente à deriva. Perdemos, na euforia da libertação, a oportunidade de libertar a memória e de traçar, com inteira liberdade, o nosso destino cultural (KHOSA, 2015, p. 129-130).

O corpo inosso é a identidade inautêntica, desenraizada, forjada. E é contra esta identidade, resultante da negação dos valores tradicionais, que a escrita de Ungulani Ba Khosa se insurge.

REFERÊNCIAS

BOUENE, Felizardo. Moçambique: 30 anos depois da independência. **Africana Studia**, Porto, Portugal, n. 8, p. 69-84, 2005. Disponível em: http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS08_069.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Júlio. **Vaise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 147-163.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KHOSA. Ungulani Ba Ka. Memórias perdidas, identidades sem cidadania. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 106, p. 127-132, maio 2015. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5911#text>. Acesso em: 20 abr. 2020.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. O passado não se impõe com medidas inquisitórias. **Moçambique para Todos**, Maputo, 05 fev. 2010. Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2010/02/o-passado-n%C3%A3o-seimp%C3%B5e-com-medidas-inquisit%C3%B3rias.html. Acesso em: 20 abr. 2020.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Orgia dos loucos**. Maputo: Alcance Editores, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, p. 315, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

D

Distanciamento social 291, 292

E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

F

Formaçon inicial de professores 261, 265

G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

J

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

L

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

M

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

N

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

P

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021